

# DESIGN CENOGRÁFICO

## a cenografia em pesquisa

VOLUME 1



Leônidas Garcia Soares  
Marion Divério Faria Pozzi  
ORGANIZADORES

# DESIGN CENOGRÁFICO

## a cenografia em pesquisa

VOLUME 1

Leônidas Garcia Soares  
Marion Divério Faria Pozzi  
ORGANIZADORES





**Marcavisual Editora e Projetos Culturais Ltda.**  
www.marcavisual.com.br

### **Conselho Editorial**

**Airton Cattani – Presidente**  
*UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

**Adriane Borda Almeida da Silva**  
*UFPEL – Universidade Federal de Pelotas*

**Celso Carnos Scaletsky**  
*UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos*

**Denise Barcellos Pinheiro Machado**  
*UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro*

**Marco Antônio Rotta Teixeira**  
*UEM – Universidade Estadual de Maringá*

**Maria de Lourdes Zuquim**  
*USP – Universidade de São Paulo*



www.ufrgs.br/design-cenografico

### **Design Cenográfico: a cenografia em pesquisa** *Série Design Cenográfico – Volume 1*

**Organizadores:**  
Leônidas Garcia Soares  
Marion Divério Faria Pozzi

**Projeto gráfico e editoração:**  
Leônidas Garcia Soares

**Foto da capa e das aberturas de seções:**  
César Bastos de Mattos Vieira  
*Montagem do cenário do espetáculo Camaradas, de Chico César e Bárbara Santos, que aconteceu no dia 03/05/2018 no Salão de Atos da UFRGS, Porto Alegre – RS.*

**Revisão:**  
Luciana Balbuena

Este livro é uma das publicações do Curso de Pós-Graduação/Especialização em Design Cenográfico (EDC) do Departamento de Design e Expressão Gráfica (DEG) da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FA-UFRGS).

#### CIP – Catalogação na Publicação

D457 Design cenográfico : a cenografia em pesquisa : volume 1 [recurso eletrônico] / organizadores, Leônidas Garcia Soares e Marion Divério Faria Pozzi ; projeto gráfico, Leônidas Garcia Soares ; foto de capa, César Bastos de Mattos Vieira. – Porto Alegre : Marcavisual ; Especialização em Design Cenográfico Faculdade de Arquitetura, UFRGS, 2021.  
168 p. : il. digital – (Design cenográfico ; vol. 1).

Textos selecionados a partir dos Trabalhos de Conclusão do Curso de Especialização em Design Cenográfico, Faculdade de Arquitetura, UFRGS.  
ISBN-e 978-65-89263-26-5.  
Também publicado em formato impresso ISBN 978-65-89263-27-2.

1. Design cenográfico. 2. Cenografia. 3. Cenário. 4. Iluminação. 5. Teatro. 6. Espaço cênico. 7. Figurino. 8. Audiovisual. 9. Processo de criação. 10. Paleta de cores. 11. Ensino. 12. Arquitetura. I. Soares, Leônidas Garcia, org. II. Pozzi, Marion Divério Faria, org. III. Soares, Leônidas Garcia, proj. gráf. IV. Vieira, César Bastos de Mattos, foto de capa. V. Título. VI. Título: A cenografia em pesquisa. VII. Série.

Elaborada pela Biblioteca Faculdade Arquitetura/UFRGS  
por Celina Leite Miranda – CRB-10/837

# Do Texto à Imagem Cinematográfica:

## a caracterização visual do intérprete e a construção do personagem

Paula Reis Torres

Leônidas Garcia Soares

### INTRODUÇÃO

*Orgulho e preconceito* foi publicado em 28 de janeiro de 1813 pela escritora inglesa Jane Austen (1775-1817), durante o período da Regência, e escrito no início na Revolução Industrial Inglesa. O texto narra a história das irmãs Bennet, cinco jovens de uma família inglesa rural lidando com questões como casamento, dignidade e preconceito. O romance foi adaptado para a televisão, teatro e cinema. Como Austen não descreveu a aparência das moças, mas sim, suas personalidades, a caracterização visual dos intérpretes (também chamada a partir de agora pelo acrônimo CVI) ficou a cargo dos designers de cada produção. Este trabalho tem por objetivo discutir em que medida a caracterização visual do intérprete pode colaborar para a construção das personagens, visto que cada uma das Bennet é caracterizada, no filme de 2005<sup>1</sup>, de acordo com sua personalidade. Para tal, os figurinos das irmãs foram analisados em suas especificidades, tendo como base tanto o texto do livro como sua adaptação em formato de roteiro para a produção cinematográfica estudada neste trabalho.

A escolha do tema deve-se à forma inusitada como a caracterização visual do intérprete consegue expressar a personalidade das cinco personagens, afora sua integração bem orquestrada com os cenários e a fotografia do filme. O estudo

1. Produção anglo-americana dirigida por Joe Wright e estrelada por Keira Knightley e Matthew Macfadyen. Direção: Joe Wright; Direção fotográfica: Roman Osin; Direção de arte: Mark Swain e Nick Gottschalk; Designer de produção: Sarah Greenwood; Decoradora de set de filmagem: Katie Spencer.

aqui proposto também procura contribuir para a escassa bibliografia luso-brasileira na área de design cenográfico e, mais especificamente, na área de CVI. Deste modo, este estudo está atento aos trabalhos dos designers de caracterização visual do intérprete e na contribuição deles na construção cinematográfica das personagens criados por Jane Austen. Para tanto, adota a metodologia qualitativa, amparada no caso (a produção cinematográfica de 2005) e na análise comparativa entre as CVIs das diferentes personagens estudadas. Desta forma, a próxima parte do texto aborda diferentes conceitos para a caracterização visual do intérprete.

### CARACTERIZAÇÃO VISUAL DO INTÉRPRETE

A área do design cenográfico, responsável pelo projeto dos trajes, maquiagem, penteado e acessórios que irão compor as personagens, já foi denominada de distintas formas; uma das terminologias mais constantes, durante muito tempo, foi “figurino”. Sobre isso, PAVIS afirmou que

[...] na encenação contemporânea, o figurino tem papel cada vez mais importante e variado, tomando-se verdadeiramente a ‘segunda pele do ator’ de que falava Tairov<sup>2</sup>, no começo do século. O fato é que o figurino, sempre presente no ato teatral como signo da personagem e do disfarce, contentou-se por muito tempo com o simples papel de caracterizador encarregado de vestir o ator de acordo com a

2. Alexander Tairov (1885-1950), estudioso, diretor e inovador de teatro russo.

verossimilhança de uma condição ou de uma situação. Hoje, na representação, o figurino conquista um lugar muito mais ambicioso; multiplica suas funções e se integra ao trabalho de conjunto em cima dos significantes cênicos. Desde que aparece em cena, a vestimenta converte-se em figurino de teatro: põe-se a serviço de efeitos de amplificação, de simplificação, de abstração e de legibilidade. (PAVIS, 2008, p. 168).

Porém, o verbete “figurino” em si não representava a totalidade do trabalho do profissional responsável pela aparência final das personagens, concedendo espaço ao emprego da expressão “design de aparência”. Na seção da letra “C” do seu dicionário, Pavis afirmou que “caracterização” representava a “técnica literária ou teatral utilizada para fornecer informações sobre uma personagem” (Id, 2008, p. 38). No mesmo verbete, ele defendeu que “a caracterização das personagens é uma das principais tarefas do dramaturgo” (Ibid), concedendo-lhe condição de importante pilar na cenografia.

Viana (2012), por sua vez, emprega a expressão “traje de cena” para referir-se à aparência das personagens, aplicando em algumas ocasiões “design de aparência”. Ao reunir e organizar uma série de artigos brasileiros acerca do tema, ele e Muniz publicaram o livro *Diário de pesquisadores: traje de cena*, em 2012. Elegendo, nesta publicação, “traje de cena” como forma mais precisa para se referir à aparência dos intérpretes.

Em sua tese de doutorado, no ano de 2008, Ramos propôs uma expressão alternativa ao termo “figurino”, declarando que:

[...] ante a falta de expressões verbais adequadas para expressar nossas reflexões, sentimos a necessidade de cunhar novos termos para conduzir nossas análises e sugerimos a denominação caracterização visual de atores, para designar a linguagem que, em realizações artísticas, é trabalhada diretamente sobre o corpo do ator com figurinos, adereços, penteados e maquiagens para construir sua aparência física, a fim de traduzir, em matéria plástica sensível e concreta, os traços de caráter ficcionais representados em uma dada obra. (RAMOS, 2008, p. 20).

Porém, “caracterização visual de atores” não abarca espetáculos em que haja outras categorias de artistas, como dança, música, performances artísticas etc. Então, Soares (2016) deu sequência ao raciocínio de Ramos e propôs, em sua tese de doutorado de 2016, o termo “caracterização visual do intérprete” como possibilidade de expressão verbal mais abrangente, onde estariam incluídos todos os tipos de intérpretes. Ele reforça ainda que “considerando que caracterizar a um intérprete ou a uma personagem é uma ação que pressupõe a utilização de recursos verbais, sonoros e visuais, ao utilizar o termo ‘caracterização visual do intérprete’ (ou CVI) estamos nos referindo somente aos aspectos visuais desta caracterização”<sup>3</sup> (SOARES, 2016, p. 127). Tendo as observações anteriores em mente, “caracterização visual do intérprete” demonstra ser a terminologia mais adequada a ser adotada neste estudo, em que o objetivo é refletir como as personalidades das personagens ficaram perceptíveis em sua caracterização. Sobre isso, Ramos (2012) acrescenta que:

[...] a linguagem caracterização visual pode ser organizada de diferentes modos e refletir sobre estes modos nos levam de encontro às diferenças entre as expressões figurino e design de aparência de atores, construções decorrentes de distintas ações criativas. Entendemos como figurino a ação criativa produtora de um desenho referencial que antecede o espetáculo em que se insere o ator/ personagem, como é o caso dos figurinos de uma determinada época ou de uma determinada região geográfica, por exemplo. (RAMOS, 2012, p. 89).

Conceito este que é reforçado pela fala de Howard, “a linguagem das roupas e dos materiais revela o país, a classe social, a idade e o gosto” (HOWARD, 2015, p. 198). Ou seja, a caracterização visual do intérprete age como elemento comunicador de classe social, idade, localidade, atmosfera e personalidade da personagem. Se-

3. Texto original: “Considerando que caracterizar a un intérprete o a un personaje es una acción que presupone la utilización de recursos verbales, sonoros y visuales, al utilizar el término “caracterización visual del intérprete” nos estamos refiriendo solamente a los aspectos visuales de esta caracterización”.

**Figura 1.** *The Country Wedding (1820)*, John Lewis Krimmel (1789-1821). Disponível em: *File:1820-Country-Wedding- John-Lewis-Krimmel.jpg*. Acesso em 03 mar 2021.

gundo Ford, “o melhor design de figurino faz esse trabalho silencioso de preparar o cenário para o espectador”<sup>4</sup> (FORD In: RUTH CARTER, 2019, 03:11, tradução livre). Ou seja, “não se trata somente de garantir ao figurino uma participação como signo, senão de confiar a este elemento a função de colaborar na promoção de estados diferenciados do corpo, considerando-o como integrante do processo inicial da cena” (SILVA, 2010, p. 9). A designer Ruth Carter, responsável pelos figurinos de filmes como *Gangues de Nova Iorque* (2002), *Selma: uma luta pela liberdade* (2014) e *Pantera Negra* (2019), declarou que “as pessoas pensam que eu costuro, mas isso não é realmente o que eu faço. O que eu faço é... Eu conto histórias”<sup>5</sup> (CARTER In: RUTH CARTER, 2019, 00:33, tradução livre). O designer de caracterização visual do intérprete faz mais do que apenas vestir, pentear ou maquiar um artista, ele cria uma forma de expressar visualmente uma personagem ou uma ideia. Carter esclarece o quão íntimo esse procedimento pode ser:

[...] design de figurino é o processo de pegar uma ideia e torná-la realidade. [...] Você tem que entender um pouco sobre as pessoas. O que faz uma pessoa quem ela é, onde eles moram, no que acreditam. Às vezes isso é realmente reflexivo do lado de fora. É contar histórias.<sup>6</sup> (CARTER In: RUTH CARTER, 2019, 02:39, tradução livre).

4. The best costume design does this quiet work of setting the stage for the viewer.

5. People think I sew, but that’s not really what I do. What I do is... I tell stories.

6. Costume design is the process of taking an idea and making it come to life. [...] You have to understand a little bit about people. What makes a person who they are, where they live, what they believe in. Sometimes that’s really reflective on the outside. It’s story telling.



Um recorte pode ser feito para que o pensamento de Carter se some às palavras do cenógrafo brasileiro José de Anchieta Costa (1948-2019). Ele acreditava que, para o espectador, o espetáculo é interpretado como unidade: “muitas vezes num espetáculo, a cenografia torna-se desnecessária porque o ator passa a ser sua própria cenografia, o figurino preenche a ‘casa do ator’, que é o seu corpo, garantindo a ele seu reinado absoluto no palco” (ANCHIETA, 2002, p. 41). Ou seja, a caracterização visual do intérprete finaliza a composição da personagem, que é componente do espetáculo e, juntos, são observados, absorvidos e entendidos pelo espectador como uma só obra.

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

### Sociedade da virada do século XIX

O século XVIII foi marcado pela melhoria das técnicas agrícolas e pelo aumento da produção do agronegócio na Grã-Bretanha, alterando o funcionamento da sociedade e dando início à Revolução Industrial na Inglaterra. A virada para o século seguinte foi chamada de Era Vitoriana, conhecida pelos valores morais supostamente rígidos. A comunidade era modelada por aparências, segundo Rebeca Fuks (2019), a sociedade da época era “regida pelas ambições econômicas e por relações construídas a partir do interesse”.

A maior parcela da população vivia no campo e só frequentava cidades como Londres e Bath, cidade famosa pelas águas termais, em estações específicas. “Embora muitos dos trabalhadores rurais ainda vivessem em casas primitivas de um só cômodo, as condições de vida e saneamento eram bem melhores do que nas vilas das cidades”<sup>7</sup> (GUY, 1997, p. 3, tradução livre), um dos resultados da revolução.

As atividades no campo eram pouco variadas, enquanto as moças passavam o tempo recebendo e fazendo visitas e convertendo-se em boas filhas e esposas, os homens jovens de famílias de alta classe eram criados para terem profissões e eram frequentemente encorajados a ganharem experiência sexual com mulheres de classes mais baixas, para, então, casarem-se com mulheres consideradas adequadas. O casamento entre pessoas de diferentes classes sociais era fortemente desencorajado e poderia levar à perda de herança. Segundo Guy (1997), poucos casamentos eram por amor, a maioria era arranjada pelas famílias, que escolhiam cônjuges apropriados para seus herdeiros ou vantajosos para a própria família.

### Perfil da jovem solteira

“Para muitas jovens ricas, a vida era uma série interminável de reuniões sociais, bailes, ópera ou teatro, para assim serem vistas por possíveis maridos”<sup>8</sup> (GUY, 1997, p. 6, tradução livre). Para a sociedade inglesa da virada do século XIX, era importante que as mulheres se casassem aos 18 anos, ou antes. Mulheres solteiras eram consideradas propriedade dos pais ou irmãos, que também podiam reivindicar os salários que ganhavam. Porém, a maioria dos pais queria ver seus filhos casados, principalmente as filhas, que talvez não tivessem meios de se sustentar caso algo acontecesse a eles. Da mesma forma que as

7. Texto original: “Although many of those who worked in the country still lived in primitive, one-roomed cottages, living conditions and sanitation were much better than in town slums”.

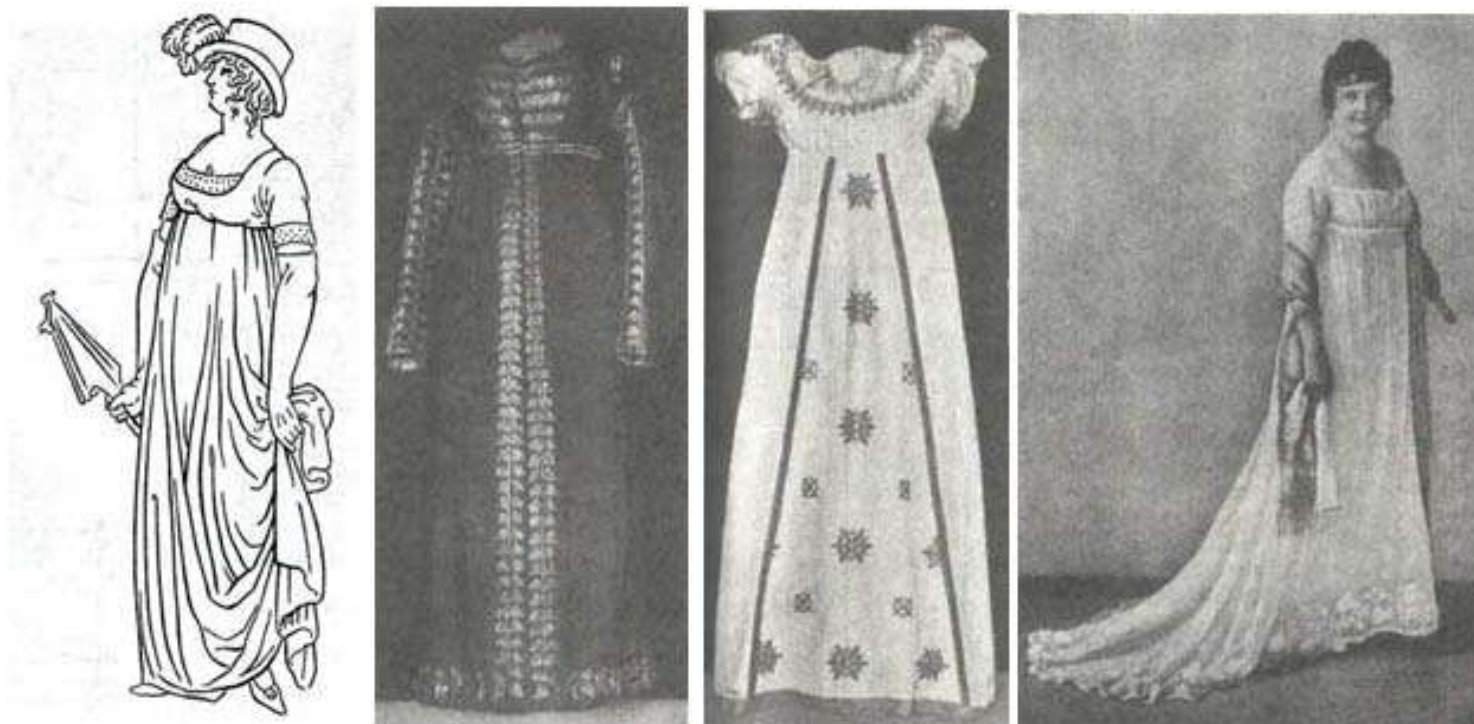
8. Texto original: “For many wealthy young ladies life was an endless round of social gatherings, attending balls, the opera or the theatre, so as to be seen by prospective husbands”.

solteiras, as mulheres casadas, assim como seus salários, eram considerados propriedade dos maridos até o Property Act de 1882, também conhecido como Married Women’s Property Act, que garantia representação legal da mulher casada e determinava que ela era capaz de adquirir e manter bens sozinha.

Como a principal ocupação feminina da época era ser dona de casa, as mulheres eram incentivadas a adquirirem habilidades específicas do lar. Uma jovem só era considerada realmente talentosa se dominasse desenho ou pintura, costura e bordado, música, canto e as línguas mais prestigiadas na época, que eram francês e latim. Para serem admiradas, vistas como apropriadas e destacarem-se como possíveis esposas, as damas deveriam ter longos cabelos arrumados em penteados trançados, podendo ter adornos em ocasiões especiais; usar adereços e vestirem-se conforme a moda, muito semelhante entre França e Inglaterra. A pele alva era considerada, além de mais bela, um sinal de posição elevada na sociedade, fazendo com que mulheres fossem estimuladas a usarem chapéus, bonnets<sup>9</sup> e também tocas, no caso das jovens que ainda não frequentavam os eventos da sociedade. Segundo Köhler (2012), o corte dos vestidos trajados pelas mulheres da virada do século era grego, uma variação da moda do período da República. “As únicas mudanças feitas foram que o decote ficou mais e mais baixo e a cintura se aproximou cada vez mais do peito. As mangas foram encurtadas - ocasionalmente, efetivamente, não havia nenhuma - mas a cauda aumentou cada vez mais”. (KÖHLER, 2012, p. 390, tradução livre), como ilustra a Figura 2.

Como os métodos de lavanderia eram pouco desenvolvidos por volta de 1800, peças de roupas brancas ficavam suadas, amareladas ou manchadas com facilidade. As pessoas, então, ficavam limitadas a poucas vestes brancas, utilizando-as somente em ocasiões especiais, como bailes importantes e casamentos. Segundo Bingham (1996), era comum, por exemplo,

9. Espécie de gorro com aba para proteção do rosto dos raios solares.



**Figura 2.** Exemplos de: vestido feminino; vestido de lã vermelha com bordados prateados; vestido de seda branca com bordados dourados, c. 1800; vestido branco com barra bordada, c. 1800. Fonte: KÖHLER, 2012, p. 394, 395, 391.

que homens tivessem apenas golas e colarinhos brancos para usarem sob paletós no uso diário. Somente pessoas mais abastadas se davam ao luxo de possuírem muitos trajes brancos, já que poderiam custear lavagens bem-feitas ou a substituição frequente de peças.

## CONSTRUTORAS DE PERSONAGENS

Para cumprir o principal objetivo deste artigo, que é discutir em que medida a caracterização visual do intérprete pode colaborar para a construção das personagens, duas pessoas envolvidas com as criações das personagens de *Orgulho e preconceito* serão apresentadas em ordem cronológica. A primeira é Jane Austen, escritora do romance *Orgulho e preconceito* e criadora das personagens. A segunda é Jacqueline Durran, figurinista responsável pelas CVI do filme homônimo lançado em 2005.

### Jane Austen

A escritora Jane Austen, autora do livro *Orgulho e preconceito*, nasceu em Hampshire, sul da Inglaterra, em 16 de dezembro de 1775, durante o período da Regência Britânica, transição entre os períodos Georgiano e Vitoriano. Foi a

sexta dos sete filhos do reverendo George Austen e sua esposa, Cassandra. Com a morte do pai, a família Austen mudou-se com frequência pela Inglaterra, possibilitando que Jane conhecesse diversas das localidades que cita em sua obra. Jane apresentou interesse por literatura desde cedo, nunca se casou e dedicou sua vida a seus livros. Faleceu em Hampshire em 18 de julho de 1817, apenas quatro anos após a publicação de seu livro mais conhecido, *Orgulho e preconceito*.

Como a primeira mulher que se tornou romancista importante, está acima dos movimentos clássico e romântico; em um certo sentido, preenche a lacuna entre os séculos XVIII e XIX, mas não pode ser enquadrada em nenhum grupo - ela é única. Em seus romances - *Senso e sensibilidade*, *Orgulho e preconceito*, *Mansfield Park*, *Emma*, *A abadia de Northanger* e *Persuasão* -, ela tenta tão-somente mostrar um pequeno segmento da sociedade inglesa de sua época - o anestesiado pequeno mundo das famílias rurais com um razoável padrão de conforto. (BURGESS, 2002, p. 209).

Parte do êxito da obra de Austen se deve ao fato de ela escrever sobre o assunto do qual dominava, o cotidiano da moça solteira de classe média, aliado a finais felizes. Uma parcela de seus livros contava com acontecimentos da vida pessoal da autora e seus conhecidos e também com locais e cidades em que Austen já havia frequentado, como Hampshire, Bath e Londres.





**Figura 3.** Retrato de Jane Austen feito com base em uma ilustração feita por sua irmã, Cassandra. Fonte: AUSTEN, 2012, contracapa.



**Figura 4.** Jacqueline Durran com o figurino de Anna Karenina. Foto: Jessica Chou. Fonte: SNEAD, 2012.

Considerando o período em que atuou, o volume e alcance de sua obra, Jane Austen pode ser apontada como uma das autoras mais influentes da Inglaterra, sendo apreciada até os dias atuais. A escritora escocesa Margaret Oliphant (1828-1897) elogiou a maturidade e a profundidade da escrita de Austen, observando que:

Ela tinha apenas vinte anos de vida feliz e protegida em casa, no final do século passado, quando escreveu o que poderia ter sido o resultado dos mais profundos observação e estudo prolongados da humanidade - o que é, em nossa opinião, a mais perfeita de todas as suas obras - *Orgulho e preconceito*.<sup>10</sup> (OLIPHANT, 1882, p. 184, tradução livre).

### Jacqueline Durran

Jacqueline Durran é uma figurinista inglesa com formação em design de figurino. Embora não seja tão conhecida quanto figurinistas proeminentes como Sandy Powell (de *A jovem Rainha Victória* e *A favorita*) e Colleen Atwood (de *Chicago* e *Memórias de uma Geisha*), Jacqueline Durran vem consolidando uma reputação considerável ao longo da carreira de duas décadas. Ela não acredita que possua um estilo de projetar, mas admite que tem uma forma particular de ver e abordar as coisas, de modo que seus trabalhos possam ter atributos tangíveis. Embora, nos últimos anos, ela tenha expandido seu

10. Texto original: "She was only about twenty on her sheltered and happy life at home in the end of the old century, when she wrote what it might have been the outcome of the profoundest prolonged observation and study of mankind - what is, we think, the most perfect of all her works - *Pride and Prejudice*".

repertório para filmes de fantasia como *O espião que sabia demais* (2011), *Macbeth* (2015) e *A bela e a fera* (2017), ela é mais conhecida por suas colaborações com diretores como Mike Leigh e Joe Wright, de *Orgulho e preconceito* (2005), seu primeiro trabalho de destaque no cinema. No filme, ela descreveu a família da protagonista, os Bennet, da seguinte forma: "Esta era uma família provinciana. Pensei em como uma costureira local teria feito algo, os tecidos que ela teria, desenhos de moda de Londres e como ela teria traduzido isso, e o que uma família provinciana faria com suas roupas"<sup>11</sup> (DURRAN, 2014, tradução livre).

*Orgulho e preconceito* abriu portas para Durran para filmes, como *Anna Karenina* (2012) e *Adoráveis mulheres* (2019), pelos quais ela recebeu dois Academy Awards de melhor figurino. Mesmo tendo atuado na caracterização visual de intérpretes de filmes de outros gêneros, seus trabalhos de maior evidência são figurinos de época, como *Desejo e reparação* (2007), seu segundo filme em colaboração com o diretor Joe Wright, e também a segunda parcela da tríade composta por *Orgulho e preconceito*, *Desejo e reparação* e *Anna Karenina*, todos filmes com a atriz Keira Knightley como protagonista. Para estes projetos, Durran trabalhou em conjunto com as diretoras de arte Sarah Greenwood<sup>12</sup> e Katie Spencer<sup>13</sup>, o

11. Texto original: "This was a provincial family. I thought about how a local dressmaker would've made something, the fabrics she would've had, drawings of fashions from London, and how she would've translated that - and what a provincial family would do with their clothes".

12. Designer e decoradora de cenários britânica.

13. Decoradora de cenários britânica.

que esclarece a sincronia na cenografia das obras. O que reforça a ideia de que a caracterização visual do intérprete participa na formação e na tradução do conceito da cenografia de uma obra.

Acho infinitamente interessante como as pessoas combinam as coisas, o que escolhem vestir e o que vestem para dizer a você sobre elas, as misturas estranhas que as pessoas podem fazer ou as combinações comuns e como isso afeta o que você pensa sobre eles imediatamente. E todos nós julgamos as pessoas imediatamente, quando elas entram em um ambiente, pelo que estão vestindo, essa é a nossa primeira forma de conhecer os humanos com quem estamos lidando.<sup>14</sup> (DURRAN, 2017, 01:08, tradução livre).

## A OBRA

### *Orgulho e Preconceito*

Originalmente chamado de *First impressions*, ou *Primeiras impressões*, *Orgulho e preconceito* era, segundo Fuks, chamado de “meu filho querido”, por Jane Austen. Ele foi finalizado em 1797 e publicado pela primeira vez somente em janeiro de 1813. Em seguida, teve traduções vendidas na Alemanha, Dinamarca, França e Suécia. Austen inicia sua narrativa afirmando que “é uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, possuindo uma boa fortuna, deve estar precisando de uma esposa.”<sup>15</sup> (1994, p. 5, tradução livre), antecipando um tom crítico

14. “I find it endlessly interesting about how people combine things and what they choose to wear and what they wear to tell you about them you know the strange combinations that people might put together or the very ordinary combinations and how that impacts on what you think about them immediately and we all judge people straightaway by when they walk into a room by what they’re wearing you know that’s our first you know way is humans of analyzing who we’re dealing with”.

15. Texto original: “It is a truth universally acknowledged, that a single man in possession of a good fortune, must be in want of a wife”.



Figura 5. Keira Knightley em três caracterizações: como Elizabeth Bennet em cena do filme *Orgulho e preconceito* (2005); como Cecilia Tellis em cena do filme *Desejo e reparação* (2007); como Anna Karenina em cena do filme *Anna Karenina* (2012).

e satírico do romance, visto que a autora se utiliza de sarcasmo para criticar o fato de a sociedade da época preocupar-se mais com os estados civil e financeiro dos indivíduos do que com os reais sentimentos das pessoas. *Orgulho e preconceito* se passa no início do século XIX e acompanha a trajetória da jovem Elizabeth (Lizzie), a segunda das cinco filhas solteiras dos Bennet, rumo ao amadurecimento. Sua vida muda quando um jovem solteiro e rico adquire uma propriedade na vizinhança e muda-se trazendo consigo família e amigos, alterando a dinâmica cotidiana do vilarejo fictício de Meryton, em Hertfordshire, Inglaterra. As novas companhias levam Lizzie e suas irmãs a reagirem de diferentes formas sobre questões como patrimônio, herança, classe social e casamento. Antes do final feliz, a protagonista se vê em constantes debates sobre orgulho, preconceito e caráter com seu duo, o também protagonista Fitzwilliam Darcy.

A primeira adaptação teatral de *Orgulho e preconceito* ocorreu em Londres em 1936, criada por Helen Jerome. O romance também teve versões musicais: um musical intitulado *First impressions*, exibido em 1959 na Broadway, e um concerto chamado *Jane Austen’s pride and prejudice, the new musical*, apresentado em Rochester em 2008. A rede de rádio e televisão BBC produziu duas séries de *Orgulho e preconceito*, uma foi ao ar em 1980 e a outra em 1995.



**Figura 6.** Mulheres da família Bennet: Sra. Bennet, Jane, Kitty, Mary, Lizzy e Lydia.  
Fonte: HUGHES, 2020.

A primeira foi dirigida por Cyrill Coke e estrelada por Elizabeth Garvie e David Rintoul nos papéis de Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy. A série mais recente teve direção de Simon Langton, estrelando Jennifer Ehle e Colin Firth, foi ao ar em 1995. E em 2012, surgiu *The Lizzie Bennet diaries*, uma série americana de comédia adaptada do livro de Austen e exibida na internet em formato de vlog<sup>16</sup>, veiculada pelo site You Tube. Ambientada em 1935, apesar do livro ter sido publicado em 1813, a primeira versão cinematográfica de *Pride and prejudice* foi lançada nos Estados Unidos em 1940, em meio a Segunda Guerra Mundial. É possível que a história tenha sido adaptada para 1835 para que fosse possível oferecer alta qualidade mesmo em tempos de escassez de recursos cenográficos em função da crise decorrente da guerra. Em contrapartida, a versão cinematográfica de *Orgulho e preconceito* de 2005, dirigida por Joe Wright, com roteiro da romancista e roteirista inglesa Deborah Moggach e estrelada por Keira Knightley e Matthew Macfadyen, procura ser o mais fiel possível ao livro. Moggach teve o apoio da atriz e roteirista Emma Thompson, responsável pelo roteiro adaptado de *Razão e sensibilidade* (1995), versão cinematográfica do romance homônimo publicado por Austen em 1811. Deborah Moggach, autora do livro *These foolish things* (2004), que veio a ser o filme *O exótico Hotel Marigold* (2012), e roteirista do filme *Tulip fever* (2017), ou *Amor e tulipas*, escreveu o roteiro de *Orgulho*

16. Uma espécie de diário virtual que ocorre através de vídeos curtos.

## ANÁLISE DE DADOS

### Materiais e métodos: livro, roteiro e imagem

As cinco personagens que compõem a prole dos Bennet possuem o mesmo nível social e idades aproximadas, porém, personalidades diferentes, de forma que é natural que sejam caracterizadas de acordo com seu próprio perfil. Portanto, apesar de serem mulheres solteiras em torno dos vinte anos e, por serem irmãs, com a mesma situação financeira, foram criadas cinco CVIs diferentes. Por vontade de Moggach, as intérpretes usaram o mínimo de maquiagem possível, “eu queria que fosse realista, a versão da bainha enlameada, com as meninas bem jovens, sem maquiagem, os mesmos vestidos todos os dias. Não é uma peça fofa de época, mas algo com o qual poderíamos nos envolver e nos importar” (MOGGACH, 2015), o que justifica a comedita quantidade de trajes elaborados por Durran.

Jane Bennet, interpretada por Rosamund Pike, é a mais velha entre suas irmãs. Tem 22 anos e é considerada a jovem mais bela da cidade. É retratada por Austen como doce, reservada, sensível, tímida, sem muita malícia e preferindo ver apenas o lado bom das pessoas. É apresentada por Durran vestindo-se de acordo com o padrão feminino vigente, sempre em tons claros de rosa, lilás e azul. Elizabeth “Lizzie”, representada por Keira Knightley, é a personagem principal e o leitor observa os acontecimentos

17. Academy Awards, popularmente conhecido como Oscar.

**Tabela 1.** Apresenta as irmãs Bennet informando nome, idade, personalidade, paleta de cores empregada na caracterização visual das intérpretes no filme de 2005, além estados financeiro, familiar e educacional.  
Fonte: formulada pela autora Paula R. Torres.

sob o ponto de vista dela. É a segunda filha dos Bennet e possui 21 anos. Seu caráter contrasta com o da irmã mais velha, Jane, por ser mais independente, alegre, sincera e, principalmente, por não se intimidar ou tolerar provocações a ela ou a seus queridos. A única orientação dada em relação à caracterização visual de Elizabeth veio da direção: “Joe [Wright] queria que a personagem de Lizzie fosse moleca, esperta, brilhante, desinteressada nas modas vigentes, interessada e envolvida com a natureza a às coisas ao seu redor.”<sup>18</sup>

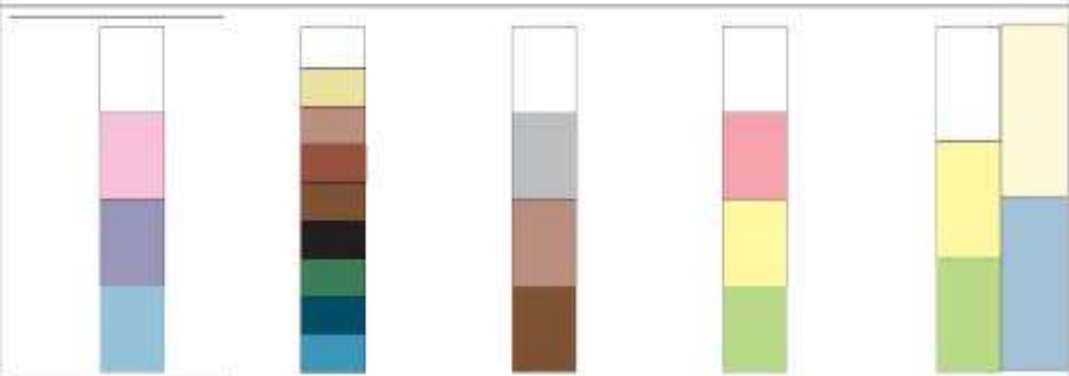
(DURRAN, 2014, p. 26, tradução livre). Na caracterização de Durrán, Lizzie raramente é retratada usando chapéu ou bonnet, não é representada com luvas e, ao contrário das irmãs, usa botas pretas, o que não era comum em jovens de classe média na época. Tende a vestir tons mais frios, frequentemente combinando com a direção de arte do filme e, em algumas ocasiões, chega a usar um vestido com uma fita preta na cintura. Quando Elizabeth é introduzida à Netherfield Park, é descrita por Austen usando “meias sujas e com o rosto brilhando com o calor do exercício”<sup>19</sup> (AUSTEN, 2012, p. 28, tradução livre), o que é reforçado pela observação da senhorita Bingley adicionada pela roteirista, “Deus, você viu a anágua dela? Quinze centíme-

18. Texto original: “Joe [Wright] wanted Lizzie’s character to be tomboyish, to be clever, to be bright, to not be very interested in current fashions, to be interested and involved in nature and the things around her”.

19. Texto original: “Dirty stockings, and a face glowing with the warmth of exercise”.

**Tabela 1.** Apresentação das irmãs Bennet

Jane	Elizabeth	Mary	Catherine	Lydia
				
22 anos	21 anos	19 anos	17 anos	15 anos
Doce, sensível, tímida e positiva	Independente, alegre e confiante	Recatada, séria e estudiosa	Tola, teimosa e influenciável	Tola, mimada e vaidosa



Pais vivos e Sem irmãos homens para sustentá-la após a morte os pais

tros de lama!”<sup>20</sup> (*Orgulho e preconceito*, 2005, 00:17:03, tradução livre). Na página 23 (AUSTEN, 2012), o senhor Darcy faz um comentário sobre seus belos olhos, mas sem especificar cor ou fornecer mais detalhes. Todas as demais características de Lizzie encontradas no livro e no roteiro, são sobre sua personalidade independente e livre.

A Bennet de 19 anos, Mary, desempenhada pela atriz Talulah Riley, é descrita por Austen como a mais banal das Bennet. Ela é mais recatada, dedicando-se ao piano e à leitura, porém sem muita maestria. Mary se veste de forma despretensiosa e seu cabelo é preso de modo prático. Veste cores sóbrias como bege, cinza e marrom e é frequentemente retratada por Durrán com o corpo todo coberto e com um modelo de avental. Catherine “Kitty”, vivida pela atriz Carey Mulligan, tem 17 anos, é teimosa, tola e sofre grande influência da irmã mais nova. Pos-

20. Texto original: “Goodness, did you see her petticoat? Six inches deep in mud!”.



**Figura 9.** A personagem Elizabeth Bennet em diferentes CVIs ao longo da obra. Fonte: capturas de tela do filme *Orgulho e preconceito* (2005).

## Resultados e discussão

Jane Bennet é o retrato da moça delicada e feminina da época, por isso, Jacqueline Durran a caracterizou com tons pastéis, tecidos leves e sempre com cabelos arrumados. No livro, Mary não é sociável e, como introvertida, foi representada com cores sóbrias e cobrindo-se o máximo possível. Kitty e Lydia são as mais jovens Bennet e, portanto, foram caracterizadas vestindo cores frescas e com os cabelos semi presos.

A Figura 9 possui exemplos da caracterização visual de Elizabeth Bennet, que, como anteriormente mencionado, é a personagem principal de *Orgulho e preconceito*. Por estar presente na maioria das cenas do livro e do roteiro, ela é caracterizada por Durran com aspectos distintos e com uma paleta de cores mais variada do que as demais Bennet. A caracterização da personagem evidencia colaboração entre designer de figurino e direção de arte, pois, apresenta forte relação com a fotografia de cada cena em que aparece, mas sem perder sua personalidade. Lizzie distingue-se de suas irmãs pelos cabelos presos de modo singelo e prático, pela ausência de chapéu e luvas, pelas botas pretas e até acessórios negros, cor incomum na indumentária de jovens solteiras no início do século XIX, o que reforça sua indiferença pela aparência e destaca seu caráter mais independente, vanguardista e até feminista. A única ocasião em que todas as Bennet se vestem com homogeneidade é em um baile, evento que exige trajes sofisticados e para o qual todas vestem branco, cor que, como mencionado, era frequentemente associada a ocasiões especiais durante o período da Regência.

Como dito anteriormente, a figurinista Jacqueline Durran não se identifica com um estilo de projeto, porém, é possível perceber um padrão em suas produções. Em 2019, foi lançado o filme *Adoráveis mulheres*, baseado em um romance homônimo publicado em 1868 pela escritora Louisa May Alcott (1832-1888), que conquistou o segundo Academy Award de melhor figurino de Durran. Em entrevista, a designer afirmou que:

sui uma caracterização muito semelhante à de Lydia, o que reforça seu caráter de discípula de sua irmã mais moça. Usa os cabelos semi presos, com cachos soltos. Sua paleta de cores é mais fresca, com tons de rosa, verde claro e amarelo cítrico. Lydia, representada por Jena Malone, é a mais jovem das Bennet, tem 15 anos e é descrita por Austen como fútil, teimosa e paqueradora. É tão protegida pela mãe que, após sua fuga e casamento com um soldado da milícia, não demonstra remorso, mas age como se tivesse feito algo digno de admiração e inveja. Seus cabelos também são semi presos, carrega lenços para acenar para os soldados da milícia e traja verde claro e amarelo cítrico, como Kitty. Após seu casamento, sua caracterização muda, seus vestidos passam a ter maior volume de tecido e sua paleta de cores se converte em bege e azul claro.

É importante observar que as personagens, apesar da vontade de Moggach de que possuíssem aspectos comuns, têm aparências historicamente corretas quanto aos cortes dos trajes, comprimento dos cabelos e penteados, acessórios utilizados e maquiagem aplicada. O interesse principal de Austen ao escrever o romance *Orgulho e preconceito* são, evidentemente, as relações humanas, fato que fundamenta o detalhamento do caráter dos personagens e a ausência de descrições físicas no livro. O roteiro do filme também deixa as aparências dos personagens em aberto, o que indica que coube à equipe de caracterização visual dos intérpretes traduzir a essência dos personagens em uma manifestação aparente.

**Figura 10.** Intérpretes das mulheres da família Bennet aguardando início da filmagem do baile. Fonte: *Pride and Prejudice: The Companion Book* (2005), p.05

Eu fiz uma pesquisa histórica de maneira normal e encontrei diferentes estilos de imagens, que representavam cada personagem de cada uma das garotas para mim e, então, as compartilhei com as atrizes e trabalhamos em maneiras pelas quais isso poderia se tornar pessoal para elas e elas puderam usar as roupas em suas atuações.<sup>21</sup> (DURRAN, 2020, 00:19 min, tradução livre).



É possível que este mesmo recurso tenha sido empregado em *Orgulho e preconceito*, tendo em vista a qualidade e verossimilhança dos figurinos apresentados. Outro fator importante na caracterização visual das personagens de *Orgulho e preconceito* é a elaboração de caracterizações individuais e conforme as personalidades.

Refletindo sobre os textos que deram origem o filme *Orgulho e preconceito* de 2005, é possível afirmar que as autoras de ambos, tanto do romance quanto do roteiro, deram maior valor a suas respectivas inclinações. A escritora Jane Austen dedicou-se a relatar as personalidades e relações entre personagens. A roteirista Deborah Moggach deu atenção à descrição técnica de cenas e diálogos. Ambas deixaram as caracterizações visuais dos intérpretes em aberto. Dada a falta de informações acerca de aparências, é presumível que a figurinista Jacqueline Durran teve que se dedicar a pesquisas nos campos históricos, de moda e técnicos para criar designs de figurino que exprimissem a obra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observados a metodologia e o trabalho da designer responsável pela caracterização visual

dos intérpretes, fica constatado que sua função não se restringe ao texto escrito, mas sim à tradução visual e emocional das personagens da obra. Considerando o filme *Orgulho e preconceito* de 2005, é possível afirmar que a caracterização visual do intérprete pode informar muito sobre a personagem, mesmo sem instruções textuais prévias. A produção do designer de CVI é resultado de formação e experiência profissionais, pesquisas cuidadosas e boa comunicação entre equipes.

Quando a professora Dra. Monica Rector afirmou, em 1995, que “nosso corpo tem um prolongamento: são as roupas e os acessórios de vestir” (RECTOR, 1995, p. 30), ela referia-se a pessoas reais. Essa declaração também se aplica à caracterização visual do intérprete, pois, a fim de conferirmos veracidade a personagens, precisamos conceder-lhes características igualmente verossímeis. Atributos que podem ser conferidos pelos designers responsáveis pela caracterização e trabalhados pelos próprios intérpretes.

A criação da caracterização visual do intérprete é o processo de se apoderar de uma personagem, conceder elementos que revelem seus atributos e fazer com que ele transmita a razão de sua existência. Ao associar design de figurino a processo de criação, é possível compreender que o trabalho de um designer de caracterização visual do intérprete é muito mais complexo do que simplesmente vestir um artista, começan-

21. “I did for historical research in the normal way and I found different style different images that represented each character each of the girls to me and then I shared those with the actresses and we worked on ways in which that could become personal to them in there and they could use the clothing in their acting”.

do antes mesmo do projeto. Ele se inicia com a comunicação entre profissional e cliente, com o domínio do texto e do programa de necessidades por parte do designer. Só, então, a com-

inação de conhecimento e criatividade pode despertar o conceito da caracterização visual dos intérpretes, tornando-se, assim, um importante integrante da cenografia de um espetáculo.

## REFERÊNCIAS

ANCHIETA, José de. *Auleum: a quarta parede*. Editora Books, 2002.

AUSTEN, Jane. *The Complete Novels of Jane Austen*. Nova Iorque: Race Point Publishing, 2012.

AUSTEN, Jane. *Pride and Prejudice*. Harmondsworth, Inglaterra: Penguin Books, 1994.

INGHAM, Janet. *More than a house: the story of Roedde House and Barcley Heritage Square*. Vancouver: Roedde House Preservation and Society, 1996.

BURGESS, Anthony. *Literatura inglesa*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

DESEJO E REPARAÇÃO. Roteiro: Christopher Hampton. 2007. (123 min.), son., color. Legendado. Disponível em: [www.netflix.com](http://www.netflix.com). Acesso em: 12 abr. 2021.

DURRAN, Jacqueline. *Exclusive Interview Costume designer Jacqueline Durran explains that she can't see her own style*. [21 de dezembro de 2017], 1:46 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5XlCP83R4s>. Acesso em: 26 out. 2020.

DURRAN, Jacqueline. *Jacqueline Durran on working with Joe Wright and Keira Knightley and on the dresses and costumes at Anna Karenina Premiere*. [14 de fevereiro de 2014], 1:53 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MOv96DATk38>. Acesso em: 20 fev. 2021.

DURRAN, Jacqueline. *Oscar Winner Jacqueline Durran Full Press Room Speech*. [10 de fevereiro de 2020], 5:26 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gE6TSsDwLIY>. Acesso em: 20 fev. 2021.

FUKS, Rebeca. *Livro Orgulho e preconceito, de Jane Austen*. In: *Cultura genial*. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/orgulho-e-preconceito-jane-austen/>, 2019. Acesso em: 15 jul. 2020.

GIL, Maria Celina. O bordado narrativo nos trajes de Game of Thrones. In: VIANA, Fausto; MOURA, Carolina (orgs.). *Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais*. v. 2. São Paulo: ECA/USP, 2017. p. 244-260.

GUY, John. *Victorian Life*. Andover, Inglaterra: Ticktock Publishing Ltd., 1997.

HAMBURGER, Vera. *Arte em cena: a direção de arte no cinema brasileiro*. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2014.

HOWARD, Pamela. *O que é cenografia?* São Paulo: Edições SESC, 2015.

HUGHES, Sarah. *What Miss Bennet did next: today's writers put a fresh twist on austen*. The Guardian. Londres. jan. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2020/jan/05/jane-austen-inspired-books-to-be-published-in-2020#top>. Acesso em: 23 jul. 2020.

IGLECIO, Paula; ITALIANO, Isabel. *O figurinista e o processo de criação do figurino*. São Paulo: USP, 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/17036834/O\\_figurinista\\_e\\_o\\_processo\\_de\\_cria%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_figurino](https://www.academia.edu/17036834/O_figurinista_e_o_processo_de_cria%C3%A7%C3%A3o_do_figurino). Acesso em: 20 jun. 2020.

KÖHLER, Carl. *A history of costume*. Nova Iorque: Dover Publications, Inc., 2012.

MARRIOTT, Emma. *A história do mundo para quem tem pressa*. Rio de Janeiro: Valentina, 2006.

MISS Austen Regrets. Direção: Jeremy Lovering. Intérpretes: Olivia Williams; Greta Scacchi. [S.l.]: BBC, 2007. 90 min, son., color.

MOGGACH, Deborah. *Pride and Prejudice*. [16 de setembro de 2015]. Entrevistadora: Jeane. Disponível em: <http://prideandprejudice05.blogspot.com/2015/09/p-blogs-interview-with-pride-prejudice.html>. Acesso em: 09 set. 2020. Entrevista concedida ao blog *Pride & Prejudice (2005) Blog*.

O CLUBE de Leitura de Jane Austen. Direção: Robin Swicord. Intérpretes: Maria Bello; Emily Blunt. [S.l.]: Sony Pictures, 2007. 106 min, Filme, son., color.

OLIPHANT, Margaret. *Literary history of England, XVIII and XIX*. v. 3. Michigan: Macmillan and Company, 1882.

ORGULHO e Preconceito. Direção: Joe Wright. Intérpretes: Keira Knightley; Donald Sutherland; Judy Dench. [S.l.]: Universal Studios, 2005. 129 min, Filme, son., color.

ORGULHO e Preconceito. Direção: Robert Leonard. Intérpretes: Greer Garson; Laurence Oliver. [S.l.]: MGM Studios, 1940. 117 min, Filme, son., P&B.

ORGULHO e Preconceito. Direção: Simon Langton. Intérpretes: Jennifer Ehle; Colin Firth. [S.l.]: BBC, 1995. 55 min., Série de TV, son., color. 5 episódios.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PRIDE & Prejudice (2005) Blog. *Interview with Pride & Prejudice (2005) film's Screenwriter, Deborah Moggach*. Estados Unidos, 16 set. 2015. Disponível em: <http://prideandprejudice05.blogspot.com/2015/09/p-blogs-interview-with-pride-prejudice.html>. Acesso em: 09 set. 2020.

PRIDE & Prejudice Companion Book. Londres: Universal Studios, 2005. Disponível em: <http://prideandprejudice05.blogspot.com/2009/11/pride-prejudice-companion-book-screen.html>. Acesso em: 26 fev. 2021.

RAMOS, Adriana Vaz. Reflexões acerca da formação de figurinistas. In: VIANA, F.; MUNIZ, R. *Diário de pesquisadores: traje de cena*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012. p. 87-92.

RAMOS, Adriana Vaz. *O design de aparência de atores e a comunicação em cena*. Tese (Doutorado). São Paulo, Pontífica Universidade Católica, 2008.

RECTOR, Monica; TRINTA, Aluizio Ramos. *Comunicação do corpo*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1995.

ROTTEN Tomatoes. *Pride and Prejudice*. Disponível em: [https://www.rottentomatoes.com/m/1016698\\_pride\\_and\\_prejudice](https://www.rottentomatoes.com/m/1016698_pride_and_prejudice). Acesso em: 08 jul. 2020.

RUTH Carter: Costume Design. Direção de Claudia Woloshin. 2019. (46 min.), son., color. Legendado. Série Abstract: The Art of Design. 2ª temporada, 3º episódio.

SILVA, Amabilis de Jesus da. *Figurino-penetrante: um estudo sobre a desestabilização das hierarquias em cena*. Tese (Doutorado). Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2010.

SNEAD, Elizabeth. Behind the beams with Jacqueline Durran and Paco Delgado at THR's First Costume Designer Roundtable. [05 de dezembro de 2012] Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/news/behind-seams-jacqueline-durran-paco-delgado-at-thrs-first-costume-designer-roundtable-398525>. Acesso em: 02 mar 2021;

SOARES, Leônidas Garcia. *El diálogo entre la luz y la caracterización visual: la transformación de la apariencia del intérprete en la puesta en escena occidental de 1910 a 2010*. Tese (Doutorado). Madrid, Universidad Complutense de Madrid - Facultad de Bellas Artes, 2016.

STANISLAVSKI, Constantin. *A construção da personagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

VIANA, Fausto; MOURA, Carolina (orgs.). *Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais*. v. 2. São Paulo: ECA/USP, 2017.

VIANA, Fausto; MUNIZ, Rosane. *Diário de pesquisadores: traje de cena*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.